

A CASA em debate

||★ A construção de um edifício nas traseiras da Casa da Música é o mote para a discussão sobre o que fazer na envolvente urbana.

Não faz sentido colocar em causa a densidade na Boavista

● Decorre uma estimulante discussão sobre o que fazer à envolvente da Casa da Música. Poucos duvidarão que esta obra devolverá ao local a dignidade que foi perdendo com o tempo, ultrapassando até as expectativas.

Aliás, não é por acaso que há tanto interesse em sediar um banco mesmo ao lado do edifício de Koolhaas... Os sinais mostram, pois, que o estatuto de centralidade voltou a condizer com a Rotunda da Boavista. As dinâmicas estão instaladas. Do ponto de vista macro, não creio que haja muito mais a fazer, embora me pareça importante estimular ou preservar a mistura de usos, assegurando a manutenção da habitação. Não faz, por isso, muito sentido colocar em causa a densidade da área: as centralidades querem-se, por definição, concentradas! Ou será que depois da Casa da Música a envolvente deverá passar a ser, predominantemente, isenta do edificado? Isto levar-nos-ia à redução ao absurdo: a Casa da Música foi para a Boavista por ser central, mas ao mesmo tempo não a deseja demasiado densa... Não vejo, pois, obstáculos de princípio à construção próxima do edifício, até porque existe a escassa metros um prédio rodeado do entulho de casas demolidas o que é lamentável e em nada prestigia o espaço. Contudo, há que assegurar a qualidade arquitectónica de todos os edifícios que venham a ser construídos. Isto é válido para a cidade de uma forma geral mas em especial para a Boavista. A estética não é um assunto totalmente subjectivo nem minimamente displicente. Pelo contrário: a cidade deve habituar-se a discutir publicamente de uma forma aberta a qualidade das intervenções significativas, em particular nas suas zonas urbanas mais estimadas. Não pode haver qualquer espécie de pudor em



Nuno Oriental
Eng. Ambiente

“Há que assegurar a qualidade arquitectónica dos edifícios”

discutir o aspecto das obras. De resto, o tema não está, nem nunca foi, reservado aos especialistas – que não raras vezes deixam muito a desejar. Há, pois, que recuperar a tradição portuguesa de construir edifícios bonitos, que possam ser apreciados, por oposição à moda dos “caixotes”, moda essa que teima em persistir e que tanto tem contribuído

para tingir de um cinzento vulgar as nossas cidades. Mas não é tudo. No que respeita ao desenho urbano, o caminho a percorrer é tão ou mais longo – e a Boavista não é excepção. Após a intervenção no fabuloso jardim da Rotunda, os técnicos do trânsito continuaram a esquecer que ainda há quem aprecie ou necessite de andar a pé. É verdade: experimentem cruzar a Rotunda para entrar na Av. da França. Não há passadeira! E que sistema de semáforos foi instalado? Não se percebe a lógica da sincronização, e os tempos de espera podem ser longos... Lamento também que se tenha aproveitado a eliminação do túnel da Av. da França para transformar este aruamento numa espécie de pista de corrida com quatro faixas de circulação automóvel e duas para estacionamento. As árvores plantadas nos passeios são raquíticas, as caldeiras minúsculas e o alcatrão abunda. Será esta a envolvente digna da Casa da Música? Porque não ajardinar os passeios em bandas contínuas, plantando aí árvores frondosas e sebes, aproveitando o facto de haver espaço?

Muitas vezes são detalhes como estes que nos levam a apreciar alguns lugares da cidade do Porto, com os seus recantos e praças arborizadas (as que não foram, por sorte divina, empedradas). Saibamos, pois, valorizar aquilo que nos distingue, investindo num espaço público acolhedor.